



# COLOQUIO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

## **POR UMA OUTRA GEOGRAFIA RADICAL: COMPREENDENDO OS LUGARES SOB UM OLHAR FENOMENOLÓGICO**

Amélia Regina Batista Nogueira  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> da Universidade Federal do Amazonas  
ab.nogueira@uol.com.br

### **Resumo**

Durante toda a década de 60 as ciências buscaram resgatar o caráter científico das ciências sociais e impuseram a estas uma retomada ao caráter quantitativo das ciências, uma busca pelos paradigmas neopositivistas. A Geografia, enquanto uma ciência social acompanha este debate chegando a incorporá-lo às suas preocupações metodológicas, ascende-se um caráter quantitativo e pragmático da ciência geográfica. Porém vozes dissonantes se posicionam frente a este discurso. Paralelo a este debate, geógrafos que buscam uma ciência voltada para a compreensão e interpretação do mundo de debatem e se impõem, deixando suas marcas pautadas numa abordagem fenomenológica de interpretação. Levam-se em conta as vozes de quem experiencia, percebe, concebe e vive o mundo. Compreende-se que os lugares, objetos de estudo da Geografia, são construídos numa relação intersubjetiva entre o homem e o mundo. Para esses geógrafos há na ciência uma inter-relação entre “razão e sensibilidade”. Os lugares são produzidos também nessa relação entre o sensível – o que se sente sobre ele – e o que se pensa sobre ele. Neste sentido, estes geógrafos irão buscar uma geografia que leve em conta uma relação existencial entre os homens e os lugares, percebendo que há nesta uma geograficidade construída. Os lugares dizem o que os homens são e estes refletem cotidianamente o lugar onde estão. Este texto pretende demonstrar que para além de uma geografia radical onde os lugares são produzidos na relação de produção, há uma interpretação radical sobre os lugares que levam em conta o ser que está aí.

**Palavras Chaves:** Fenomenologia, geograficidade, lugar, percepção.



### **(Desenvolvimento)**

Falar de uma Geografia Radical, nos leva a pensar de imediato na Geografia crítica marxista. A história do pensamento geográfico brasileiro foi estruturada nesta lógica de pensamento. Foram chamados de radicais os geógrafos que se opunham aos paradigmas positivistas da ciência, que se colocavam contrário ao discurso da neutralidade científica e que tinham a pretensão de realizar uma Geografia de “esquerda”.

Foram vários os pesquisadores preocupados com a questão epistemológica da Geografia que trabalharam a evolução do pensamento geográfico, tomando como ponto de partida de que houve um saber geográfico, uma geografia científica, ancorada no positivismo, uma Geografia neopositivista que retoma a ciência analítica e impõe uma abordagem matemática e quantitativa à Geografia e por fim uma Geografia Crítica Radical, com pressupostos teóricos pautados no marxismo. Muitos dos pesquisadores pararam aí na abordagem marxista. Até o final da década de 80 foi esta estrutura de pensamento que indicou uma história do pensamento geográfico ( SANTOS (1980, 1982) MORAES(1986) MORAES e MESSIAS( 1984), MOREIRA (1981, 1982) (GONÇALVES (1982), ANDRADE( 1987).

Poucos autores destoam nesta década desta estrutura, e dentre estes podemos destacar SILVA (1986) que procurava pensar para além de uma Geografia marxista, procurando uma Geografia que pensasse o espaço a partir de uma inter-relação entre os homens e um espaço que traduzisse a existência. Outros pesquisadores introduzem na evolução histórica os pressupostos da Geografia Humanista, tratando este também como uma proposta radical de pensamento (GOMES (1996) .

Se construímos a teoria geográfica com a idéia de que radical foi o pensamento marxista de que outra Geografia Radical estamos falando? É necessário aqui entender o que é ser radical. Segundo o dicionário de Língua Portuguesa de Aurélio Buarque, radical diz respeito a quem age com radicalismo, ou que revela radicalismo, inflexibilidade. Mais o que é radicalismo? Vamos buscar na filosofia, já que aqui estamos tratando de uma busca de compreensão de uma visão de mundo, de uma visão de ciência e aí queremos saber que atitude filosófica a Geografia tem tomado diante do mundo. Abbagnano (1998) lembra que “radicalismo está associado ao pensamento social que se desenvolveu na Inglaterra entre o fim do século XVII e a primeira metade do século XIX, teve como seus expoentes Jeremy Bentham (1748-1832), James Mill (1773-1836) e Jonh Stuat Mill (1806-1873). Esta corrente valeu-se do positivismo filosófico e das doutrinas econômicas de Malthus e Ricardo para defender reformas “radicais” na organização do Estado e no sistema de distribuição das

riquezas. Mas genericamente, esse termo é hoje, segundo Abbagnano, usado para designar qualquer tendência filosófica e política que proponha a renovação radical dos sistemas vigente, representada pela transformação dos princípios nos quais se apóia os sistemas de crenças ou as instituições tradicionais”. Portanto, na filosofia, ser radical não é apenas pertencer a uma corrente filosófica pautada no materialismo histórico, ser marxista ou marxiano. Ser radical é pertencer a qualquer corrente filosófica que se opunham as visões que se pautam em proposições clássicas e tradicionais, que “congelava” o pensamento que se afastam do mundo.

Na idade média a Igreja foi radical ao submeter, todas as crenças e visões de mundo e reduzi-las a heresias, apontando como único e verdadeiro o conhecimento cristão. Descarte no século XVI também foi radical, pois se opunha ao pensamento tradicional conservador da filosofia cristã. Descarte radicalizou ainda ao pensar que só a visão racionalista era capaz de conhecer a verdade. Os positivistas clássicos foram considerados radicais ao ver na precisão matemática e na naturalização da sociedade o caminho para compreender o mundo. E radical foi Marx, ao propor uma leitura dialética do mundo tomando a história como ponto de partida para compreender as relações sociais de produção, rompendo a partir daí com a estrutura de pensamento que olhava o mundo como um sistema integrado e funcional.

Ser radical na Filosofia e na Ciência, portanto, significa romper com os pressupostos e paradigmas que já não dão conta de compreender o mundo. A Geografia como uma ciência passou por este debate, porém muitos geógrafos não compreenderam que cada momento teórico e metodológico que se construiu, significava quebra de paradigma, significava rompimento com “velhos” métodos, radicalização de pensamento. Assim foi que por Geografia Radical, compreendemos apenas a Geografia Crítica marxista. Não demos conta que paralela a este uma outra Geografia Radical estava sendo debatida e ignorada frente ao pensamento radical marxista, referimo-nos a Geografia Humanista. Uma Geografia de dimensão subjetiva que valoriza a experiência pessoal, perceptiva e do comportamento (CAPEL, 1981)

Os Geógrafos que caminharam por estes pressupostos mostravam que o espaço está cheio de significados, de valores, para uns o lugar expressa um sentimento de pertencimento, para outros de repulsão. Os homens não se movem num lugar abstrato e sim num lugar que é concreto e pessoal, um espaço vivido, modelado pela experiência. Os modelos da Geografia Quantitativa entram em crise quando se observa que a percepção da distância não coincide com a distância real, medida. (CAPEL, 1981). A importância dada à percepção, a experiência



pessoal e ao mundo vivido, leva a duas perspectivas filosóficas: a fenomenologia e ao existencialismo. Tem-se assim uma Geografia da Existência.

Ao pensarmos em termos de radicalização, os fenomenólogos foram radicais ao criticar e declarar pretensiosa a ciência que se mostrava como único conhecimento capaz de chegar a verdade. Merleau-Ponty, filósofo existencialista, nos chama atenção para o mundo da percepção. Para ele,

“o mundo da percepção, isto é, o mundo que nos é revelado por nossos sentimentos e pela experiência de vida, parece-nos à primeira vista o que melhor conhecemos, já que não são necessários instrumentos nem cálculos para ter acesso a ele e, aparentemente, basta-nos abrir os olhos e nos deixamos viver para nele penetrar. Contudo, isso não passa de uma falsa aparência. Eu gostaria de mostrar que esse mundo é em grande medida ignorado por nós enquanto permanecemos numa postura prática ou utilitária, que foram necessários muito tempo, esforços e cultura para desnuda-lo e que um dos méritos da arte e do pensamento moderno ( os últimos 60 ou setenta anos) é o de fazer-nos redescobrir esse mundo em que vivemos mas que somos sempre tentados a esquecer.” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 2).

Não queremos aqui negar a ciência, mas como afirma Merleau-Ponty, “trata-se de saber se ela tem o direito de negar ou excluir como ilusória todas as pesquisas que não procedam como ela por medições, comparações e que não sejam concluídas por leis, como as físicas clássicas, vinculando determinadas consequências a determinadas condições” (MERLEAU-PONTY, p. 6, 2004). Os fenomenólogos tiveram atitude radical diante da produção do conhecimento e diante do mundo.

Os geógrafos que aqui se pautam, radicalizam ao falar de uma Geografia da Existência, onde o *homo economicus* que atuava no mundo como uma realidade econômica foi substituída pelo *homo sapiens*, que aos olhos de Buttimer “é mais orientado para suas próprias necessidades, para sobreviver e crescer em diálogo com a natureza, como o espaço e com o tempo” (BUTTIMER apud CAPEL, 1981, p.444). O homem é um ser encarnado no lugar, este é atributo humano, revestido de características humanas. Os elementos da natureza têm significados simbólicos para cada tipo de homem, cada tipo de cultura. O lugar é pleno de intenções e de valores. Não tem como geometrizar o mundo, os lugares podem ser perto ou longe independentemente da distância geométrica que os separa.

A Geografia que se construiu sob os pressupostos fenomenológicos despontou na França a partir da década de 50, embora em 1925, Carl Sauer já tenha apontado para a importância de um estudo fenomenológico da paisagem. Porém foi Eric Dardel em 1952, quem falou de uma geograficidade ao referir-se “às várias maneiras pelas quais sentimos e

conhecemos ambientes em todas as suas formas, e refere-se ao relacionamento com os espaços e as paisagens, construídas e naturais, que são as bases e recursos das habilidades do homem e para as quais há uma fixação existencial”. (DARDEL, apud NOGUEIRA, 2004, p.213)

Dardel enquanto geógrafo acompanhou a postura radical dos fenomenólogos quanto a idéia de ciência, segundo ele “o rigor da ciências não perde nada ao confiar sua mensagem a um observados que saiba admirar, escolher a imagem justa, humana”.(DARDEL apud NOGUEIRA, 2004, p.216) A Geografia de Dardel buscou ver a Terra, o lugar, a partir da percepção de quem o habita, A partir das relações dos homens com as coisas dos lugares que conhecem, que vivem. Esse geógrafo teve uma postura radical indo contra a corrente filosófica que se colocava como “redentora” da ciência, como os fenomenólogos clássicos, criticou a matematização da ciência, a naturalização dos fenômenos humanos e enquanto geógrafo a geometrização do espaço, dizia ele, “o espaço puro do geógrafo não é o espaço abstrato do geômetra: é o azul do céu, fronteira entre o visível e o invisível. Geografia sanciona uma fenomenologia do espaço. Em certo sentido, podemos dizer que o espaço concreto da Geografia liberta-nos do espaço humano infinito da geometria ou da astronomia” (DARDEL apud NOGUEIRA, 2004, p.219)

Dardel retomou na Geografia o estudo do lugar, que foi rechaçado das categorias geográficas por que foi interpretada como um problema para a compreensão das relações sociais de produção como fundamental para a análise do espaço. Esta falsa idéia tem origem em La Blache que ao chamar atenção para que a “Geografia era a ciência do lugar e não dos homens” foi interpretado como querendo descartar os homens da construção do lugar. Para a Geografia Crítica, toda pesquisa que tratava dos paradigmas “Homem e Terra” foi deixada de lado com argumentos radicais de que estava ignorando as relações sociais entre os homens. Dardel propôs discutir o “Homem e a Terra”, porém a Terra como atributo da cultura, atributo humano, carregado de subjetividade, de intencionalidade humana.

O lugar passa a ser entendido não apenas como localização, mas como fenômeno experienciado pelos homens que nele vivem. O lugar é mais que um espaço ou uma paisagem, nele estão às raízes de seus moradores, a razão da existência desse espaço. (RELPH, 1972, p.9). Segundo Dardel o “lugar significa muito mais que sentido de localização, não se refere a objetos e atributos das localizações, mas tipo de experiência e envolvimento com o mundo, à necessidade de raízes e de segurança”.Estas reflexões nos levam a uma Geografia existencial, numa atitude radical, reafirmamos não haver uma



Geografia distanciada dos significados simbólicos que tem o lugar, a vida dos grupos humanos e suas atividades jamais são puramente materiais,

“são a expressão de processos cognitivos, de atividades mentais, de trocas de informações e de idéias. As relações dos homens com o ambiente e com o espaço têm uma dimensão psicológica e sócio-psicológica. Nasceu de sensações que as pessoas experimentam e das percepções a elas ligadas. Exprimen-se por meio de práticas e habilidades que não são completamente verbalizadas, mas que relutam de uma atividade mental, estruturam-se pelas preferências, conhecimentos e crenças que são objeto de discussões e de uma reflexão sistemática”.

(CLAVAL, 2001, p. 39)

Para apreendermos o lugar nas dimensões subjetivas é necessário romper com a idéia de que o habitante do lugar é mais um dado estatístico. A interpretação fenomenológica do lugar nos leva a valorização do conhecimento dos homens comuns para quem o lugar significa lugar de trabalho, de moradia, de amizade, de lazer, de vida, de mistérios, de significados míticos e religiosos. Há aqui uma valorização das experiências vividas, onde a descrição do lugar por quem o vive será o ponto de partida para a compreensão da realidade.

(NOGUEIRA, 2004, p. 233).

Os fenomenólogos não falam de lugar, categoria própria do conhecimento geográfico, falam do “mundo vivido”, porém deixam claro que este mundo é o lugar onde habita o homem. É preciso reaprender a ver o lugar, esta aprendizagem só é possível através das histórias narradas por quem vive o lugar.

Na Geografia os pressupostos da fenomenologia tem contribuído para compreender também as abordagens da Geografia Cultural, visto que esta buscar entender os lugares a partir dos significados e representações simbólicas que possuem o lugar, esta tem procurado valorizar o olhar do habitante que aí vive, que constrói e reconstrói o lugar de sua existência. Qual a compreensão que cada um tem de seu lugar? Como estes o interpretam e o organizam? Estas são algumas das interrogações que se tem feito sob o viés da Geografia Cultural.

Partindo dessas interpretações estamos, através de pesquisas sobre os diversos lugares da Amazônia, procurando compreender como se dá a produção da vida em lugares onde a água e a floresta saltam aos olhos. Tem sido nossa intenção desviar o olhar da natureza para o homem que aí vive, como este lida com esta “exuberante” floresta e tão extenso rio. Nessa busca nos deparamos com os comandantes das embarcações que navegam cotidianamente nos rios e paranás que compõem a bacia Amazônica; com eles aprendemos que as cartas e os mapas desses lugares nada indicam se quem o navega não tem uma experiência com o rio,



este tem muitos “mistérios”, sem contar com a subida e descida a cada seis meses que cria e recria novas paisagens, ilhas aparecem e desaparecem, “quando a terra cai”.

Neste sentido as cartas geometricamente organizadas, que pontua os lugares, são substituídas pelos Mapas Mentais de cada um dos comandantes. Esses mapas demonstram as paisagens visíveis e invisíveis que contem o lugar, por isto fizeram parte de nossas fontes de interpretação. Suas cartas referenciam o lugar a partir do que ele significa para eles: um lago é representado de acordo com a percepção de cada um, para uns muitas vezes significa perigo, para outros o lugar onde está sua comunidade, onde este vive, para outros o lugar onde habita as grandes “feras.” As linhas (percursos) de barcos que ligam as comunidades rurais, que cada um faz é muitas vezes decidida levando em conta estas percepções e representações que dão ao lugar.

A Geografia enquanto a ciência que sempre descreveu e representou a Terra, não poderá ignorar que este conhecimento reflete na produção dos lugares. Essa geograficidade construída na relação do homem com os lugares se materializam na paisagem desses lugares. Além de buscarmos representar os lugares através dos Mapas Mentais produzidos pelos comandantes das embarcações, habitantes daí, descrevemos cada lugar a partir das narrações dos moradores, passageiros dessas embarcações. Acreditamos como Paul Claval que “a vida dos indivíduos e dos grupos se organiza no espaço, nele se imprimem e nele se reflete. (CLAVAL, 2001, p.40)

Foi a partir destas proposições que encaminhamos pesquisa sobre os pequenos lugares que ficam na margem do Solimões-Amazonas. Esses lugares foram descritos como lugares não só caracterizado pela sua dinâmica natural, mas, sobretudo, como um lugar produto da relação humana, onde nele se percebe “encarnado” a característica dos homens e mulheres que neles habitam e que produz sua vida na inter-relação com a natureza, percebendo as pequenas transformações que esta sofre a cada vez que o rio sobe e desce. Procuramos perceber as maneiras pela qual o habitante desses lugares “modelam este ambiente para responder suas necessidades e seus gestos e aspirações, procurando compreender as maneiras como eles aprendem a se definir a construir sua identidade, ou seja, se realizar”. (CLAVAL, 1997, p.89)

Nossas interpretações levaram em conta, na descrição dos habitantes, a sua relação também simbólica com esses lugares, onde o mistério da água e da floresta se impõe no cotidiano dos moradores das comunidades espalhadas nesta região. Estas reflexões só foram possíveis porque se tomou a postura radical das análises que valorizam as narrações e entendimento do mundo pelos homens que estão aí, que vivem e experienciam os lugares, que



observam e percebem e se encarnam nele, fazendo de cada um atributo de suas relações culturais.

### **Referências Bibliográficas**

ABBAGNANO, Nicolas. Dicionário de Filosofia. 2ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

ANDRADE, Manuel C. Geografia Ciência da Sociedade. São Paulo, Ed. Atlas, 1987.

CAPEL, Horacio. Filosofia y Ciencia en la Geografía. Barcelona, Ed. Barcanova, 1981.

CLAVAL, Paul. Geografia Cultural. Florianópolis, EDUFSC. 1999.

GOMES, Paulo C. Geografia e Modernidade. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1996.

GONÇALVES, Carlos W. A Geografia está em crise: Viva a Geografia. In: MOREIRA, R. Geografia: Teoria e Crítica. Petrópolis, Vozes, 1982.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da Percepção. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_. Conversas – 1948. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

MORAES, A.C.R. e COSTA, W. Geografia Crítica: A Valorização do Espaço. São Paulo, Hucitec, 1984.

MORAES, A.C.R. Geografia: Pequena História Crítica. 5ª ed. São Paulo, Hucitec. 1986.

MOREIRA, Ruy. Geografia: Teoria e Crítica. Petrópolis, Vozes, 1982.

MOREIRA, Ruy. O que é Geografia. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1981.

NOGUEIRA, Amélia. Uma Interpretação Fenomenológica na Geografia. In : SILVA, Aldo e GALENO, Alex (org.) A Geografia Ciência do Complexus. Porto Alegre, Sulinas, 2004.

SANTOS, Milton (org.). Novos rumos da Geografia brasileira. São Paulo, Hucitec 1982.

SANTOS, Milton . Por uma Geografia Nova. 2ª ed. São Paulo, Hucitec, 1980.